

EDUCAÇÃO

DF

SEM IDEOLOGIA

Lisandra Paraguassú
Da equipe do Correio

Partidos e posições políticas pouco importam. Os planos para revolucionar o ensino ou apenas dar um jeito na educação pública podem aproximar um governo petista das idéias do Ministério da Educação (MEC) da era Fernando Henrique ou fazer um suposto governo aliado ir por caminhos opostos. Em menos de um mês nos cargos, secretários de Educação dos estados já têm em mãos planos que mudam completamente o legado deixado por seus antecessores.

Uma das principais polêmicas surgidas nos últimos dias é o caso de Minas Gerais — estado considerado modelo na educação pelos resultados conquistados nas duas edições do Sistema de Avaliação do Ensino Básico (Saeb) e em outros indicadores educacionais.

Há duas semanas o novo secretário e ex-ministro da Educação, Murilo Hingel, anunciou que vai rever o sistema de ciclos nas escolas estaduais mineiras, e poderá substitui-los pelo sistema seriado. Nos ciclos, as crianças de 1^a e 2^a séries, por exemplo, estudam juntas. Elas são agrupadas por idade, e não há repetência entre um ano e outro. Segundo o MEC, essa é uma das mais eficazes formas de diminuir a repetência.

Hingel discorda. "Houve muita propaganda e manipulação de dados, mas a realidade é uma série de dramas e problemas", diz. O secretário afirma que os ciclos mascaram a repetência, em vez de diminui-la, porque os alunos só podem ser reprovados a cada dois

anos em média, quando terminam uma fase de aprendizado.

Ao mesmo tempo em que pretende terminar com os ciclos, Hingel planeja adotar o bolsa-escola, programa do governo petista do Distrito Federal. Itamar Franco — vinculado ao PMDB, partido da base de apoio do governo, mas com uma rixa interminável com Fernando Henrique — atraiu o PT para seu governo e prometeu adotar programas testados no Distrito Federal. Mas um dos projetos do governo Cristovam Buarque foi exatamente a substituição do sistema de séries pelo de ciclos.

A contradição não termina aí. O fim dos ciclos — e um certo ar de vingança contra o governo anterior — são os únicos pontos em comum entre os governos do PMDB de Itamar e de Joaquim Roriz, no Distrito Federal. A secretaria de Educação do Governo do Distrito Federal, Eurides Brito, também não gosta da idéia. "Nós vamos rever o sistema depois de uma avaliação científica, mas o nome correto desse sistema é promoção automática", afirma.

Eurides usa os resultados do Saeb de 1997 — em que o Distrito Federal caiu alguns pontos — para justificar sua impressão de que a qualidade do ensino piorou. "A Escola Cândanga (projeto do governo do PT que, entre outras coisas, iniciou os ciclos) eliminou promoção e reprovação, e isso não é parâmetro", diz.

Mesmo antes de assumir, Eurides já tinha alguma idéia do que precisaria mudar. A volta das classes seriadas é uma delas. A secretaria pretende também, quando for possível, ter de voltas as escolas de turno integral, os antigos Caics (Centros de Assistência Integral à

Jorge Cardoso 28.10.98



Eurides Brito, nova secretária de Educação: fim do sistema de ciclos e defesa da escola de tempo integral

Criança). "Nós tínhamos mais de 11 mil crianças em escolas de turno integral. Hoje não temos nenhuma, e crianças pobres precisam disso", explica.

O GDF também poderá determinar o fim da matrícula seriada nas escolas noturnas. Nos últimos anos, o governo Cristovam passara a permitir que alunos se matriculassem por disciplinas, o que possibilitava que quem repetisse apenas uma das fizesse matérias, por exemplo, do 3º e do 2º anos juntas. "A matrícula seriada só atrapalha o aluno. Até as universidades já começaram a ver isso", argumenta Eurides.

Na contramão dos peemedebistas do DF, os novos secretários de Pernambuco e do Rio Grande do Sul estão dispostos a adotar os ci-

clos e as classes de aceleração e seguir uma cartilha muito semelhante ao que prega o governo federal. Em Pernambuco, o governador Jarbas Vasconcelos, também do PMDB, substituiu Miguel Arraes, do PSB. No Sul, o petista Olívio Dutra entrou no lugar do peemedebista Antonio Britto.

"Nós temos uma experiência extremamente bem-sucedida com ciclos e classes de aceleração em Porto Alegre (também administrada pelo PT), e pretendemos aplicá-la, dentro do possível, em todo o estado", admite a secretária Lúcia Camini.

RELACIONAMENTO

Apesar da briga do governador, que entrou na Justiça para não pagar uma das parcelas da dívida com a União, Lúcia garante que pretende manter um bom relacionamento com o MEC — que inclusive cita Porto Alegre, em conversas internas, como exemplo a ser seguido. "O ministério é o articulador das políticas nacionais, e nós queremos o seu acompanhamento, principalmente na área de formação dos professores", garante.

Uma das mudanças mais profundas que a secretaria pretende implantar no estado é a gestão democrática nas escolas. Segundo o projeto inicial, as eleições para diretores de escolas serão diretas,

NOVOS SECRETÁRIOS IGNORAM PARTIDOS E ATÉ O MEC PARA REFORMULAR O ENSINO FUNDAMENTAL NOS ESTADOS

O QUE MUDA NOS ESTADOS

DISTRITO FEDERAL

Substitui os ciclos pelas séries tradicionais
Troca a eleição nas escolas por diretores nomeados
Termina com a matrícula seriada nas escolas noturnas
Retoma as escolas de tempo integral

RIO GRANDE DO SUL

Institui a eleição nas escolas com a participação dos conselhos escolares
Implanta o sistema de ciclos
Cria as classes de aceleração de aprendizagem

MINAS GERAIS

Termina com o sistema de ciclos
Institui o Bolsa Escola

PERNAMBUCO

Institui as classes por ciclos
Cria turmas de aceleração de aprendizagem
Adota diretores indicados pela escola e pelo conselho escolar

mas não apenas com a participação de professores e alunos. Um conselho da comunidade também terá direito a voto, e a escolha terá que ser baseada em um projeto pedagógico preparado pelos candidatos com a comunidade. "Queremos garantir que a escola passa definitivamente a fazer parte da comunidade onde atua", diz Lúcia.

Coincidência ou não, o discurso é semelhante ao de Éfrem Maranhão, secretário de Educação de Pernambuco. Quando assumiu a secretaria, Maranhão descobriu que a maior parte dos diretores eram nomeados. Um de seus primeiros planos é transformar essas indicações da secretaria em indicações da comunidade. "Os candidatos terão que fazer um plano de desenvolvimento escolar e defen-

der para a comunidade. Aquele que eles indicarem será confirmado pela secretaria", explica.

Pernambuco ainda não tem escolas em ciclos ou classes de aceleração — em que crianças que estão defasadas para sua idade são acompanhadas especialmente para pularem etapas —, mas as mudanças estão nos planos de Éfrem. "Eu sou um defensor do sistema de ciclos, acho uma concepção muito inteligente", diz.

O que se pode tirar das mudanças planejadas com as mudanças de governo é que as idéias em educação parecem não ter cor partidária. Cada estado tenta encontrar a melhor forma para resolver seus problemas. Nem que seja desfazendo tudo o que o antecessor preparou. Ou buscando a ajuda de inimigos profissionais.